



O exterior do PC uruguaiô, na segunda-feira...

URUGUAI

Mais oito mortos

Foi um massacre, na versão dos comunistas. Forças do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e da polícia uruguia invadiram impetuosamente a sede do Partido Comunista, situada na avenida Agraciada, no geralmente tranqüilo bairro de Paso del Molino, em Montevideu, e indiscriminadamente abriram fogo, matando sete jovens indefesos militantes do partido que se encontravam no prédio. Os demais atiraram em resposta e mataram um dos agressores.

Foi um ato de legítima defesa, na versão do governo. Forças do Exército, da Marinha, da Aeronáutica e da polícia passavam pela avenida Agraciada, no geralmente tranqüilo bairro de Paso del Molino, em Montevideu, quando foram traiçoeiramente atacadas por jovens militantes comunistas que disparavam do interior da sede de seu partido, chegando inclusive a atingir mortalmente o capitão do Exército Washington Busconi. Os soldados e policiais atiraram em resposta e mataram sete comunistas.

Seja como for, na segunda-feira passada houve um tiroteio e morreram oito pessoas — o que já era muito. Ainda na sexta-feira anterior, oito tupamaros e quatro funcionários do governo haviam sido mortos em diversas batalhas travadas nas ruas de Montevideu. A escalada da violência atingia níveis perigosos, no Uruguai. Entre os dois dias, o país começou a viver, desde o sábado, em "estado de guerra", medida que não era aplicada desde 1934. As garantias individuais estão totalmente suspensas e a imprensa sob censura.

Um sintoma — Talvez jamais seja

possível precisar, um dia, o que realmente ocorreu na antes pacata avenida Agraciada, naquela manhã. E este é mais um sintoma da gravidade da crise uruguia: é cada vez mais difícil apurar a verdade, num país que ameaça dividir-se entre duas inconciliáveis correntes de opinião.

As poucas pessoas que assistiram ao incidente ocorrido na sede do Partido Comunista — supostamente testemunhas neutras — apresentaram versões tão contraditórias como as das partes diretamente interessadas. Para algumas, às forças policiais e militares cabe, incontestavelmente, o pior papel. Depois de intenso tiroteio, os comunistas teriam hasteado bandeiras brancas e abandonado o edifício do partido, onde se entrincheiravam, sendo então assassinados na calçada da avenida. Para outras, porém, os comunistas foram os vilões. Depois de terem simulado uma falsa rendição, um deles teria puxado subitamente o revólver e atirado no capitão Washington Busconi — o que teria provocado imediata reação de defesa dos soldados e policiais.

Apenas um fato era comum a todas as versões: houve um tiroteio e, portanto, os comunistas estavam armados. No balanço das acusações e contra-acusações, esse dado servia para neutralizar a informação fornecida pela própria polícia de que nenhum dos sete mortos apresentava antecedentes por atividades subversivas em suas fichas.

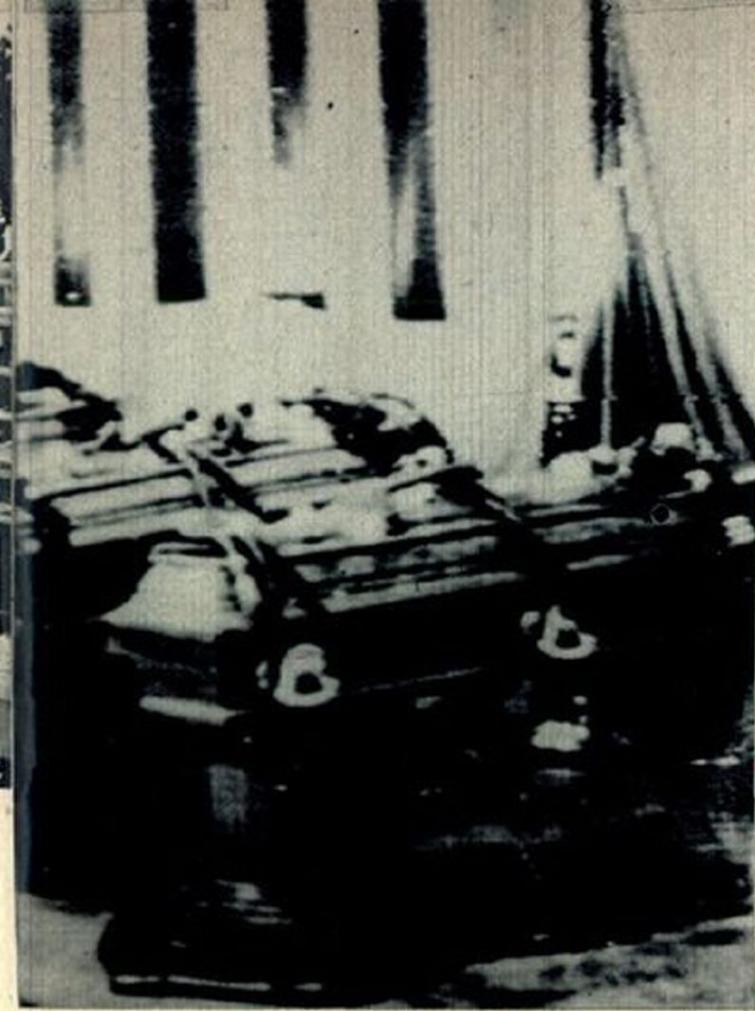
No dia seguinte, enquanto os senadores opositores se revezavam na tribuna para condenar o governo, culpando o pelo episódio, organizações direitistas lançavam bombas contra as residências de cinco dirigentes da Frente Ampla (esquerdistas), em Mercedes, 276 quilômetros a noroeste de Montevideu, deixando nos locais panfletos assinados

pela sigla CCT — Comando de Caça aos Tupamaros.

Promessas — Os atentados da direita reforçavam as críticas dos parlamentares frentistas, que denunciavam a existência de "esquadrões da morte" políticos agindo no país, "com a colaboração da polícia". O senador Wilson Ferreira Aldunate, candidato à presidência nas eleições de dezembro, além de denunciar a existência dos "esquadrões", afirmou que seu partido — o Blanco — pediria a suspensão do "estado de guerra". E, apesar da retórica mais inflamada, o senador comunista Enrique Rodríguez foi o que fez o discurso menos ameaçador, limitando-se praticamente a dizer que "o selvagem assassinato de sete companheiros não pode ficar impune".

Convocado pelo Senado, o ministro da Defesa, general Enrique Magnani, procurava serenar os ânimos, embora insistisse na versão oficial sobre o tiroteio da avenida Agraciada, aumentando assim a indignação dos opositores. De qualquer forma, prometeu solenemente que o governo "eliminará todos os grupos terroristas que agem no país, independentemente de sua orientação política". Na prática, Magnani estava apenas reiterando a promessa feita pela manhã em comunicado conjunto assinado com o ministro do Interior, Alejandro Rovira.

Apesar dessas promessas, e agravando ainda mais o clima de tensão na capital uruguia, os tupamaros inundavam a cidade com panfletos com a relação de nomes e endereços de oito policiais, militares e funcionários do governo a serem "executados ou capturados". Tudo indicava que a situação política no Uruguai se radicalizaria definitivamente, com os rumores de que o Partido Comunista, até então atuando estritamente dentro da



RADIOFOTO UPI

... e o velório, dentro, na terça

lei, se armaria para "vingar seus mortos". O cauteloso PC, entretanto, tomou as providências necessárias para serenar os ânimos.

Cautela do PC — A Confederação Nacional do Trabalho, que congrega 400 000 trabalhadores e é controlada pelos comunistas, providenciou um protesto pacífico. Na terça-feira, com a cidade praticamente paralisada em consequência de uma greve geral de reivindicação salarial marcada na semana anterior pela CNT, a organização sindical convocou os trabalhadores para o enterro dos sete comunistas. Durante mais de três horas, uma multidão percorreu em



DAMSEAU

Bordaberry: um sorriso inexplicável

ordem os 8 quilômetros do cortejo, do centro de Montevideu ao Cemitério do Norte, num bairro da periferia. O clima de tranqüilidade foi garantido, de certa forma, pela presença do arcebispo de Montevideu, monsenhor Carlos Partelli, e pelos discursos incisivos, mas não incitativos a posições mais radicais, dos diversos políticos socialistas e comunistas que compareceram ao enterro. O que poderia acontecer no dia seguinte, quando Montevideu voltasse à normalidade, era imprevisível.

Talvez temendo que a situação escapasse de seu controle, a central sindical tomou uma nova providência: manteve a capital uruguaia vazia, prorrogando a greve geral por mais 24 horas. Na quarta-feira, as únicas manifestações de indignação popular deviam-se ao cancelamento do jogo marcado para aquela noite entre o Peñarol e o Nacional, por falta de transportes coletivos. Assim o PC uruguaio ajudou o presidente Juan María Bordaberry a evitar que a situação desembocasse num redemoinho de violência, no qual o próprio partido poderia ser uma das vítimas, caso fosse forçado a cair na ilegalidade.

Sorrisos — Nem todos os protagonistas da tragédia uruguaia, entretanto, seguem os mecanismos de raciocínio dos moderados comunistas. Há, por exemplo, as organizações de extrema direita, interessadas em que o "estado de guerra" seja levado às últimas consequências. Já no domingo anterior haviam dado indícios de sua disposição ao colocarem bombas em locais de significado político bastante discutível, como o templo evangélico da rua Constituyente, onde um dia antes um comando tupamaro se escondera para assassinar o professor Armando Acosta y Lara.

Também declaradamente dispostos a forçar o governo a endurecer suas posições estão os tupamaros. Ao desencadear a guerra aberta contra Bordaberry, levando o país a um fracionamento político que ameaça cindi-lo em duas facções irreconciliáveis, os extremistas de esquerda atingiram o que parecia ser seu principal objetivo: forçar o governo a desencadear uma repressão que pode eliminar definitivamente as esperanças do presidente de conciliar-se com o Partido Blanco, agora na oposição ao lado da Frente Ampla. De um modo geral, essa ofensiva dos tupamaros foi recebida nos meios políticos de Montevideu com naturalidade, já que a pressão pela violência tem sido a sua arma tradicional. Na verdade, muitos uruguaios apenas se perguntavam, na semana passada, como Bordaberry ainda consegue manter o sorriso depois de se deixar enredar numa iniciativa do inimigo. A explicação talvez esteja no caráter do presidente, cujo passado o de-

fine como um político de posições inflexíveis.

Nuvens carregadas — De qualquer forma, no final da semana passada, a trégua causada por uma greve pacífica parecia novamente ameaçada. Na sexta-feira, os deputados e senadores da Frente Ampla anunciaram a intenção de pedir ao Congresso a formação de uma comissão parlamentar de inquérito para apurar a verdade sobre o tiroteio da última segunda-feira. Além disso, a CNT marcou nova greve geral — a quinta



DAMSEAU

Rovira e Magnani: a mesma promessa

desde a posse do sucessor de Pacheco Areco, em 1.º de março deste ano — para terça-feira desta semana. Até mesmo a prisão de dez supostos tupamaros, na última terça-feira, parecia estar se transformando em outro fator de aborrecimento para o governo nos próximos dias. Entre os detidos estava o padre Arnaldo Spadaccino, que poderá ser julgado militarmente, de acordo com o "estado de guerra interna" — cuja severidade não foi suficiente para impedir que sacerdotes progressistas já comessem a movimentar-se, na sexta-feira, para protestar. A semana, contudo, não se encerrou apenas com previsões. Ainda na sexta-feira, o guarda-costas do comandante do Exército, general Florencio Gravina, foi morto por uma patrulha militar quando rondava a casa do militar de metralhadora em punho, atitude pouco recomendável num país em que os nervos — e a violência — estão à flor da pele.